

LUZIA, A PROTETORA DOS OLHOS

J. L. DE SOUZA, S. S. — S. Paulo

Coisa difícil escrever sobre Santa Luzia, a padroeira dos Médicos Oculistas. Difícil pelo assunto, difícil pela cultura dos leitores: a distinta classe médica especializada em Oftalmologia. — Santa Luzia é uma virgem martirizada em Siracusa, no ano de 304, na perseguição de Diocleciano. Sobre estas personagens antigas a crítica histórica moderna atirou pontos de interrogação por todos os lados. Venerandas tradições, narrativas transmitidas de geração em geração, nos entretenimentos de família ou nas leituras pedosas dos velhos e grossos volumes que lembravam a vida dos Santos, crônicas escritas em idades mais antigas, as mesmas lições do Breviário Romano, que a Igreja manda ler aos seus sacerdotes, na festa dos Santos, para lhes colocar ante os olhos o ideal da perfeição cristã realizado em homens como nós — tudo isso está continuamente passando pelo crivo severo da crítica histórica. Os homens que desceram às profundezas dos mistérios da natureza, descobrindo-lhes as mais secretas forças, quiscram penetrar também os segredos do passado, e a História, atualmente, com todos os recursos da técnica moderna, com o apoio de tantas ciências auxiliares, não afirma nem nega antes de analisar documentos, apalpar monumentos, comparar códices, definir textos primigênicos, penetrar a mentalidade das testemunhas.

Tudo isto deixa seriamente de sobreaviso quem quer que se disponha a um trabalho histórico que pretenda ser científico. Nem cuja tonalidade poderiam ter estas nossas linhas, pois que as queremos oferecer aos Médicos, já especializados num ramo de sua ciência, a Oftalmologia. Fácil nos seria apresentar aqui lendas e contos, a respeito de Santa Luzia, embelezando-os com as flores da eloquência que fôssemos buscar em outros autores mais competentes e mais literatos.

Queremos percorrer outros caminhos. Fazer história e não eloquência ou exortação moral. E pomos mão à obra, cientes embora da possibilidade de, enquanto estamos aqui escrevendo e afirmando alguma coisa, outros nos estejam contradizendo, firmados em documentos e argümentações mais sólidas. Minguam-nos — para este trabalho como para tantos outros de

cunho científico — os instrumentos da cultura, tão abundantes no velho continente. Enquanto lá, para um assunto destes se pode ir ao lugar onde os fatos se sucederam, ver e examinar pessoalmente uma inscrição ou uma epigrafe, manusear em primeira mão os documentos, nós aqui nos temos de contentar com ver tudo isto em segunda mão, material já manipulado, e naquela proporção diminuta — diríamos com um termo mais atual: “racionada” — que as dificuldades dos tempos nos permitem.

A consideração destes obstáculos não nos abalou do nosso propósito. Diante do convite tão insinuante do distinto facultativo paulista — Dr. Durval Prado — cuja amizade tanto nos honra, não era possível cruzar os braços. E aqui estamos, nas colunas desta Revista, para apresentar aos Médicos Oculistas a Santa que a piedade cristã lhes deu por padroeira na sua árdua e benemérita missão: Luzia, a virgem e mártir de Siracusa. Manuseamos, para este trabalho, a melhor bibliografia que pudemos encontrar. E, em grande parte destas obras, defrontamos, constantemente com o elemento *lenda* unido ao elemento *história*, sem darmos com uma crítica já feita que os separasse, delimitando-os com precisão. É o que pretendemos fazer, para dizer aos nossos ilustres leitores o que de realmente histórico existe na vida de nossa Santa.

EXISTIU SANTA LUZIA?

É esta a nossa primeira pergunta. Esta virgem e mártir, tão simpática à devoção do nosso povo, que as crônicas antigas referem ter sido martirizada em Siracusa, na Sicília, foi uma personagem real? Ou sua existência não será produto da imaginação popular? Da necessidade de uma protetora no céu, que acudisse às moléstias dos olhos, uma vez que a medicina tinha para elas tão poucos recursos? Ou uma confusão de nome, com alguma outra mártir?

Esta é a questão mais importante, à qual podemos responder afirmativamente, com certeza histórica. A Agiografia possuía para isto elementos e documentos sobre os quais a crítica histórica nada tem que censurar. Citaremos alguns, principiando por uma epigrafe encontrada por Orsi, nas catacumbas de São João, em Siracusa; e, já, reproduzida por I. Schuster em *Liber Sacramentorum*, Marietti, 1928, vol. 6, 13 de dezembro:

ΕΥΣΚΙΑ·Η·ΑΜΕΝΠΤΟΣ⁽¹⁾·ΖΗΣΑ (6α)
 ΧΡΗΣΤΩΣ·ΚΑΙ·ΣΗΜΝΑ·ΕΤΗ
 ΠΛΙΟ⁽²⁾·ΕΛΑΤΤΟΝ·ΚΕ·ΑΝΕ
 ΠΑΥΣΕΤΟ·ΤΗ·ΕΟΡΤΗ·ΤΗΣ·ΚΥ
 ΡΙΑΣ·ΜΟΥ·ΛΟΥΚΙΑΣ·ΕΙΣ·ΗΝ
 ΟΥΚ·ΕΣΤΙΝ·ΕΝΚΩΜΕΙΟΝ⁽³⁾
 ΕΙΠΕΙΝ·ΧΡΗΣΤΕΙΑΝΗ·ΠΙΣ
 ΤΗ·ΤΕΛΙΟΣ·ΟΥΣΑ·ΕΥΧΑ
 ΡΙΣΤΟΥΣΑ·ΤΩ·ΕΙΔΕΙΩ⁽⁴⁾·ΑΝ
 ΔΡΙ·ΠΟΛΛΑΣ·ΕΥΧΑΡΙΣ
 ΤΙΑΣ

✠

Traduzindo: “Euschia, a irrepreensível, que viveu pura e santamente mais ou menos 25 anos, falecida no dia da festa de minha senhora Luzia, para a qual não há elogios bastantes; perfeita na fé cristã, morreu agradecendo efusivamente ao seu espôso”.

(1) Irrepreensível: no grego ἀμεμπτος de μέμφομαι = repreender. Vê-se que esta epígrafe foi escrita por mão de uma pessoa do povo, não muito letuada. Do contrario, não cometeria o erro de gramática, escrevendo Ν e não Μ antes de Ρ.

(2) ΠΛΙΟ forma cretense, em vez de πλείον do grego classico.

(3) ἑγκώμιον por ἑγκώμιον.

(4) Εἰδῆω. Talvez ἰδίω. Desdobramento do Ι em ει, como em ἐγκώμιον. Esta epígrafe revela dois phenomenos inversos de linguagem: simplificação de ει em ιο (πλιο por πλείον; τελιος por τελίος) e desdobramento do Ι em ΕΙ (ἑγκώμιον por ἑγκώμιον; εἰδῆω por ἰδίω).

Como se vê, trata-se de um epitáfio, colocado — como ainda colocamos nós — sobre o túmulo de uma pessoa querida, para lembrar-lhe o nome. Não é um epitáfio erudito, como os de Dá-manso, composto tempos depois da morte de um santo ou mártir, para honrar-lhes os sagrados despojos. É um epitáfio traçado por mão vulgar, revelada nas incorreções gramaticais do texto. A expressão “senhora minha Luzia” não nos autoriza a pensar que o autor ou autora da epigrafe fôsse contemporâneo da nossa Santa, e a tivesse servido na qualidade de servo ou doméstico. A expressão “senhora”, *mulier*, pode indicar também padroeira, patrona, protetora.

Este epitáfio, traçado por mão desprezível, no fim do século IV ou princípio do V (cfr. Allard, IV, 391), é para nós um valioso testemunho da celebração da festa litúrgica de Santa Luzia, na cidade que ela ilustrou com o seu martírio, à distância de menos de um século da sua morte.

Outros documentos antigos que nos falam de Santa Luzia são as igrejas a ela dedicadas. Em Roma há ao menos umas 20. (Schuster, *o. cit.*). O que é um sinal da simpatia de que gozava e do lugar particular que Santa Luzia ocupava no coração do povo romano. Dentre as igrejas as mais antigas são as de Santa Luzia do mosteiro De Renati, restaurada pelo Papa Leão III (795-816), e a de Santa Luzia in Septizonio.

Documento mais antigo ainda que estas duas igrejas é o sacramentário gregoriano (590-604) onde encontramos a missa de Santa Luzia com orações próprias. Igualmente a parte da Missa denominada *cânon*, que remonta aos tempos mais antigos, menciona nossa Santa, ao lado de outros santos e mártires da Sicília. Ora, o estarem seus nomes no cânon e a celebração de sua festa, com Missa própria, é sinal de que a Igreja os considerava grandes santos e grandes mártires, como realmente o foram, — desde os tempos mais remotos.

Schuster (*o. cit.*) explica o motivo desta devoção dos Papas e do povo romano para com estes mártires sicilianos. De fato, é mesmo preciso indicar estes motivos: Roma, consagrada pelo sangue de tantos e tão insignes mártires, não precisava alimentar sua piedade com devoções aos santos martirizados em outras cidades. Mas é que, além da celebridade do martírio de Luzia, a colônia siciliana era numerosa em Roma. Agatão, por exemplo, Pontífice (678-681) era siciliano. E os Papas, desde os fins do

século IV, mantiveram freqüentes relações com os administradores do patrimônio da Igreja romana naquela ilha.

Dos séculos IX, X e XI, podemos ler interessantes notícias do culto dedicado a Santa Luzia. Assim, por exemplo, a história das transladações de suas relíquias. Luzia foi sepultada em Siracusa, nas ca'acumbas que trazem o seu nome. Construída a basílica, para ela veio o seu sagrado corpo. Certo Faroaldo, duque de Spoleto, filho de Trasamundo, ao tempo em que Justiniano imperava em Constantinopla, e Pepino o Breve entre os Francos (cfr. Sigeberto Gemblacensis — sermão sôbre Santa Luzia, em ML CLX, 811) — portanto, entre 705 e 711 — época do império de Justiniano III, — ultrapassando os limites de seus domínios, attingiu Siracusa, de onde levou os despojos de Santa Luzia para Corfino, uma das cidades de seu ducado. Quatro século portanto, ficaram estas delíquias na cidade natal de nossa Santa. Em Corfino não ficaram mais de dois. Porque em 970 passaram de aí para Metz. Era então imperador no Sacro Império Romano Alemão, Otão I. cujo parente, Teodorico, era então o 46.º bispo de Metz. Muito estimado pela sua ciência. Teodorico era o primeiro conselheiro do Imperador, e com êle andou pela Itália durante três anos. É preciso notar, para melhor compreensão da nossa narrativa, que a Itália, nesta época, está dividida em inúmeros principados e ducados independentes, em continuas lutas e discórdias, obstaculando não raro, com suas turbulências, a própria atuação do Romano Pontífice. O que justificava amplamente estas intervenções dos reis cristãos de além dos Alpes. Intervenção que cabia em primeiro lugar a Otão, na sua qualidade de Imperador do Sacro Império, e portanto, primeiro protetor do Chefe supremo da Igreja.

Ora, Teodorico, bispo de muito zêlo e piedade, não podia ver relíquias preciosas do cristianismo, como são os despojos dos mártires, expostos aos perigos destas turbulências guerreiras de que era teatro a Itália. Por outro lado, era naturalmente levado a enriquecer com estas preciosidades as igrejas de sua diocese e de sua pátria. E foi levando para além dos Alpes muitos despojos de mártires venerados na Itália, sem que ninguém se opusesse aos seus desejos, dada sua posição de bispo e parente próximo do Imperador.

Uvigerico, um dos padres de sua diocese, encontrando em Corfino os espólios de Luzia, mártir siracusana, já então honrada

em tóda a Igreja, apressou-se em trasladá-los para Metz, o que de fato se fêz, depois que o bispo de Corfino, com juramento sôbre os Evangelhos, declarou serem aquêles os despojos de Luzia, martir de Siracusa, da qual se cantavam as antífonas e responsórios e Missa, em tóda a Igreja. (Cfr. ML, CXXXVII, 363-368: *Inventio Sanctorum a domno Theodorico*. ML, CLX, 811: *Siigberto Gemblacense*). Ficavam assim autenticadas, como se diz na linguagem canônica, àquelas reliquias.

Levadas para Metz, foram tumuladas na Igreja de S. Vicente mártir. Em 972 erigiu-se uma basílica para as receber. Em 1042 o imperador Henrique III mandou trasladar um braço para o mosteiro que acabara de construir em Lindiburch. (1)

Partindo, portanto, de uma epigrafe das catacumbas de Siracura, do séc. IV ou V, através do culto que Roma dedica à nossa Santa, já antes do séc. VII, chegamos ao culto, que a alta Idade Média lhe consagrou, em Corfino nos séc. VIII e IX, em Metz nos sécs. X e XI. Temos portanto, em mãos uma tradição

(1) A respeito destas trasladadões das reliquias de Santa Luzia, divergem muito as opiniões. A. Butler, que afirma ter consultado para isto as histórias e crônicas bizantinas e venezianas, informa que êstes preciosos despojos ficaram em Siracusa até 21 de maio de 878, dia em que, sendo a ilha tomada pelos Sarracenos, Jorge Maniace os levou para Constantinopla, juntamente com os de Santa Ágata. Em 1204 franceses e venezianos, conquistando Constantinopla, trouxeram as reliquias de Ágata para a Sicília, as de Luzia para Veneza. Butler não admite de modo algum que o corpo de Santa Luzia esteja em Metz. Moroni, no seu *Dizionario di Erudizione Ecclesiastica*, afirma que as reliquis passaram de Siracusa à Itália, daí para Metz. Uma parte apenas, levada para Constantinopla, é que veio parar em Veneza, onde o povo dedica uma devoção muito particular à Santa.

Nossa opinião, firmada nos documentos do séc. X que compulsamos, é de que estão em Metz suas preciosas reliquias. A Sicília não foi tomada pelos Saracenos, como afirma Butler, em 878, mas em 831 (Cfr. J. Marx, *Storia Ecclesiastica*, 217). Sigeberto Gemblacense nos informa que Forcaldó, duque de Spoleto, os levou de Siracusa a Corfino, onde estiveram 200 anos. Em 970 Teodorico, bispo de Metz, os leva de Corfino para sua sede episcopal. Ora, 970 menos 200 são 770. Portanto, em 770 estas reliquias saíram de Siracusa. Como as poderia lá encontrar Jorge Maniace, em 831 ou 878, para levá-las a Constantinopla?

continua, não interrompida, desde o séc. IV, que viu o martírio de Luzia, até o séc. XI que cultuou suas relíquias depois de as ter autenticado; temos documentos escritos, tais como a epigrafe de Siracusa e o Sacramentário Gregoriano; além dos monumentos, como as igrejas a ela dedicadas.

São argumentos bastantes, historicamente certos, para respondermos à pergunta com que iniciamos este trabalho: existiu, no séc. IV, uma virgem, de nome Luzia, martirizada em Siracusa, cultuada de modo singular por todos os católicos.

VIDA E MARTÍRIO

Aqui, o mais difficil. Por que os nossos antepassados nem sempre quizeram ou puderam escrever a biografia de suas personagens illustres de modo a contentar o gosto critico dos nossos tempos. Muita coisa apenas a tradição recolheu e transmitiu aos pósteros.

Pelo que se pode coligir ao mesmo tempo da tradição e de documentos escritos, Luzia nascera em 283, em Siracusa. De família nobre e cristã, sua mãe se chamava Eutíquia, e seu pai a deixara órfã nos anos da infância. Mais adiantada em anos, compreendendo o valor inestimável da virtude da pureza, consagrou-se inteiramente a Deus Nosso Senhor com o voto de virgindade perpétua. Trocava as alegrias e prazeres da terra pelos do céu, seguindo o exemplo de tantas outras heroínas do cristianismo. Nada communicou, entretanto, à sua mãe, que pensou em desposá-la com um jovem nobre e rico de Siracusa. Entre Eutíquia e este mancebo, tudo ficou combinado. Luzia, porém, não esteve por isto. Sem recusar nem aceitar, foi adiando sempre a realização das núpcias, enquanto pedia fêrvidamente ao seu Espôso celeste que a socorresse nesta difficuldade.

Acontece entremettes, que sua mãe adoece gravemente, da moléstia que a medicina antiga chamava fluxo de sangue.

Foram inúteis todos os remédios. E como sempre acontece nas famílias cristãs, quando o doente está desenganado pelo médico, apela-se ainda para um último recurso: a intervenção do sobrenatural, da misericórdia divina. Pede-se um milagre. Luzia quis pedi-lo para sua mãe. Foram ambas a Catânia, cidade não muito distante de Siracusa, onde se veneravam as relíquias de Santa Ágata, martirizada nos tempos da perseguição de Décio.

Lá estão as duas cristãs, mãe e filha, orando no sepulcro de Ágata. E Luzia, deixando-se vencer pelo sono, contemplou em visão a sua protetora, que lhe falava: “Luzia, minha irmã, por que pedes a mim o que tu podes diretamente alcançar de Deus Nosso Senhor? Tua mãe já está curada. Como eu, tu também darás a vida pela tua fé. Como Catânia se tornou ilustre pelo meu martírio, também Siracusa o será pe'lo teu. Tua alma, por causa de tua pureza virginal, é um templo onde habita o divino Espírito Santo”.

A visão desapareceu. E Luzia, acordando, viu que realmente sua mãe estava curada. O milagre e a visão confirmavam ainda mais o propósito da virgem, oferecendo-lhe ótima ocasião para convencer igualmente sua progenitora. Mãe verdadeiramente cristã, não teve objeções nem dificuldades. Sua filha pertencia a Deus Nosso Senhor. Não se falaria mais de matrimônio em sua casa.

Satisfeita, a filha acrescentou mais um pedido. Queria receber logo a parte que lhe tocava em herança, para tudo dar aos pobres. Objeto-lhe a mãe: “Fecha antes os meus olhos, filha, e depois distribui os meus e os teus bens aos pobres”. — Não foi difícil à filha convencer sua mãe de que a caridade feita em vida aproveita muito mais, por ser mais espontânea e mais generosa. E logo a fortuna daquela nobre família começou a ser distribuída aos pobres. Ou melhor, depositada com eles, emprestada, para ser restituída aos doadores, com juros de cem por um, em riquezas espirituais e celestes, infinitamente superiores aos bens da terra.

O noivo, porém, ignorando as determinações últimas de Eutíquia e sua filha, quis saber por que motivo se desfazia assim o patrimônio daquela que deveria ser a sua companheira. Tinha de certo modo direito de intervir, porque a mão de Luzia já lhe tinha sido prometida. Qual não foi a sua decepção ao saber que Luzia já se tinha entregue a outro, ao seu Deus, a quem consagrara sua virgindade. Saber isto, ver Luzia dando tudo aos pobres, e de aí concluir que era cristã, era uma só coisa. Ora, começavam então a ser aplicados os éditos de Diocleciano, publicados desde o mês de abril do 19.º ano de seu império, mandando que as igrejas fôssem arrasadas, os livros sagrados queimados, os cristãos condenados à morte, os nobres à infâmia, os livres à escravidão, os escravos à impossibilidade de se resgatarem. O

amor ferido do moço, pagão, encontrou fàcilmente um meio de se vingar.

Denunciou Luzia, como cristã, ao prefeito da cidade. Pascásio. Começou o martírio, cujas atas lemos em L. Surio, “Vitae Sanctorum,” 1570. A jovem recebe ordem, diante do magistrado romano, de sacrificar aos deuses do Império. Recusa terminantemente, porque sacrifica sòmente ao único e verdadeiro Deus, Nosso Senhor Jesus Christo, e não aos ídolos. É duro, para quem não está acostumado, receber uma recusa, ainda mais de uma pessoa considerada inferior e desprezível. Irou-se o prefeito. E com um recurso vergonhoso para um magistrado, mas comum naqueles tempos de depravação, a fim de humilhar a jovem que tóda a sua autoridade não bastara para levar a uma apostasia, deu ordem para a conduzirem os carrascos a uma casa de prostituição, onde o populacho poderia saciar-se miseramente. Infamada, deveria morrer no lugar de sua infâmia. Era ordem, e os sicários quiseram executá-la imediatamente.

Velava, porém, o Divino Espôso pela sua virgem, e onde transbordou a malícia humana, aí mesmo brilhou a bondade divina. Aquêles homens robustos, acostumados à brutalidade, não conseguiram mover de um passo sequer a frágil e debil donzela. Vencidos os homens, recorreu-se à força dos animais, e Luzia foi amarrada a algumas juntas de bois. O milagre continuou: nem êstes animais, habituados ao pêso do arado, conseguiram mover a virgem do seu lugar.

É de imaginar a ira de Pascásio. O povo todo, como sempre acón'cece nestas ocasiões, presenciava sua tremenda derrota. Recorreu, para se ressarcir, a outro expediente: mandou amontoar lenha ao redor de Luzia, e atear fogo, de modo a deixá-la entre as chamas. Novo prodígio. As chamas consumiram tóda a lenha, mas não atingiram absolutamente a mártir.

Os elementos da natureza respeitavam aquêlê templo vivo do divino Espirito Santo. Era necessário que o elemento *homem*, inteligente e livre, realizasse o que o elemento *natureza* se recusava a fazer. Pascásio setenciou a pena capital. E o braço do sicário vilrou a espada gloriosa que deveria dar à Igreja mais uma mártir.

Outro prodígio. Atingida por uma ferida que a qualquer outro teria imediatamente tirado a vida, Luzia continuou a falar, com grande espanto de todos. Predisse a próxima liberdade da

Igreja, com a queda de Diocleciano e morte de Maximiano, seu coléga de império, predisse a infelicidade de Pascásio, seu algoz, que seria levado a Roma e condenado pelo Senado. De joelho, rezando, depois de ter recebido a Sagrada Comunhão, entregou plácidamente a Deus Nosso Senhor àquela alma virgem, que o milagre mantinha unida a um corpo mortalmente ferido. Os fiéis logo recolheram os seus restos sagrados, sepultando-os devotamente nas catacumbas que ficaram com o seu nome, para depois colocá-los com tóda a pompa na basílica que lhe erigiram. Luzia era a mais illustre filha de Siracusa.

Isto é o que encontramos em todos os autores que escrevem sobre a vida e martírio de Santa Luzia. Quem mais, quem menos prolixamente. Sem discrepâncias, porém, nos fatos apresentados. Por que todos, direta ou indiretamente, sejam do séc. XII como do séc. XX, vão buscar estas notícias nas atas do martírio da Santa.

É bem justa portanto, esta pergunta: que valor histórico e crítico têm estas atas? I. Schuster a elas se refere com esta expressão: “bem pouca fé merecem”. Mas não aduz nenhuma razão desta afirmação. É sabido, em Agiografia, que muitas atas dos mártires são apócrifas. Não são autênticas ou não são fidedignas. Produtos da piedade dos cristãos, em todo ou em parte. Às vêzes falhas, por incorreções e inadvertências dos que por primeiro escreveram e que até elles se conservava apenas na tradição oral.

As atas do martírio de Santa Luzia estariam neste caso? Questão difficil de resolver, principalmente para quem não tem em mãos, por não os ter encontrado, os elementos necessários. P. Allard vê nestas atas uma narração romântica, e menciona as razões principais que o levaram a tê-las por dúbias. Em primeiro lugar, o nome de Pascásio para o prefeito de Siracusa. É um nome de origem cristã, que difficilmente estaria num magistrado pagão. Pascásio seria assim uma ficção do redator das atas, que sem consultar a história, as teria tirado da própria fantasia. — Não julgamos este um argumento decisivo. Pascásio pode ser tanto um nome de origem cristã como de origem judaica. *Pascha* é a tradução grega e latina do hebraico *phase*, passagem. Ora, judeus já os havia no império romano muito antes do cristianismo. A colônia judia era numerosa em Roma no tempo de Nero. Sua mulher era prosélita do judaismo. Outra razão seria o anacronismo das profecias feitas pela Santa: annunciou a paz

cia Igreja em 304, quando Diocleciano só abdicou em maio de 305. Anunciou a morte de Maximiano, que entretanto, sobreviveu de cinco anos a Diocleciano. Ainda aqui não nos parece tão evidente o anacronismo. Luzia podia muito bem anunciar como próxima, uma paz que viesse em 305 ou mesmo depois. Um ano, ou muito mais que isto, é ainda pouca diferença para uma visão profética. Além do que a profecia de uma interpretação certa: a de Diocleciano foi a última perseguição no Império Romano.

Como as lemos em Surio, estas atas não encerram, pelos caracteres intrínsecos somente, nenhum indício, ao que nos parece, que as torne evidentemente suspeitas. Nenhuma contradição na narrativa, que se desenvolve homogênea, coerente, num todo cujas partes se unem e se exigem. Nada de inverossímil. Pelo contrário, tudo muito condizente com a época e o momento histórico a que são atribuídas. Existe uma redação grega e outra latina, com ligeiras diferenças, idênticas ambas nos fatos que narram. E são anteriores ao séc. VII, porque Adelmo, escritor deste século, já as conhece. (A. Butler, o. cit.). Ruinart não as incluiu na coleção que compilou em 1689, intitulada "*Acta Martyrum Sincera*". L. Surio, onde as encontramos, inicia assim sua exposição: "*Historia Sanctae Luciae, ut habetur in perantiquiss. cod. quibus antiquissimi ma martyrologia consentiunt*": história de Santa Luzia, como se encontra em antiquísimos códices manuscritos, com os quais concordam os martirológios mais antigos. De fato, os sermões que podemos ler sobre Santa Luzia, encontrados por Migne em códices do séc. XII, concordam inteiramente com estas atas. O que não é, bem sabemos, argumento concludente, porque o séc. XII já está bem distante de 304. Precisariamos de um documento autêntico e fidedigno mais próximo de Santa Luzia, para concluirmos com segurança.

Isto podemos afirmar sem sombra de dúvida: a existência da mártir, seu martírio, o culto que as gerações lhe prestaram ininterruptamente através dos séculos. Os demais particulares precisariam ser provados mais abundantemente para deixar os críticos modernos satisfeitos. Não podemos entretanto, rejeitar levemente estas atas do martírio de Luzia, com uma simples dúvida, ou com uma simples referência a outros exemplos de atas apócrifas. Valeria aqui o argumento de prescrição: as gerações mais próximas do fato o conheceram e transmitiram como nós hoje o conhecemos através destas atas. Portanto, enquanto

não se provar positivamente o contrário, estaremos pelo que nos legaram a tradição e êstes documentos.

Nem nos assuste o extraordinário dos fatos narrados. Semelhantes fatos são dos mais comuns na vida dos mártires, também daqueles, a respeito dos quais existem as mais perfeitas documentações históricas que o crítico possa desejar. E só êsse extraordinário no martírio de Santa Luzia nos pode explicar a estima em que foi tida desde os primeiros tempos. Mártires a Igreja os conta aos milhares, e a todos cultua como exemplo dignos de serem imitados por todos os fiéis. Mas alguns dentre êles se salientaram de modo particular. Pe'a aspereza do combate que sustentaram pela fé ou pela eminente santidade de sua vida. Todos êles são estrêlas no firmamento da Igreja Católica. Mas também neste firmamento há estrêlas de várias grandezas e magnitudes. Se recusarmos as atas de Santa Luzia somente pelo muito de extraordinário que relatam, criaremos um outro problema historicamente insolúvel: como explicar a devoção tão intensa e tão universal que os fiéis lhe consagraram. Um mártir comum — se é que se pode usar esta expressão para um ato tão heróico como o martírio — sumido na multidão que em bloco dá a vida pela fé, se bem que receba a mesma palma da vitória no céu, contudo, não recebe as mesmas honras na terra. Justamente por não ser conhecido.

A PROTETORA DOS OLHOS

Nada referimos até agora, que pudesse justificar o título de nosso artigo: Luzia, a protetora dos olhos. Que relação há entre uma coisa e outra? Por que motivo o povo cristão invoca Santa Luzia como protetora dos olhos? Normalmente, em casos semelhantes, há sempre uma circunstância particular da vida ou martírio do santo que justificam a invocação. Por exemplo: S. Lucas é o protetor dos médicos, porque era médico também êle.

Nas atas do martírio de Santa Luzia e naquilo que a tradição nos legou a respeito de sua vida, nada encontramos que se possa referir aos olhos ou às suas enfermidades. A Enciclopédia Italiana — Treccani — afirma que a lenda de os olhos lhe terem sido arrancados no martírio não merece fé. — Julgamos ter-se equivocado o articulista. Pois em nenhum lugar encontramos, nem aceno sequer, a semelhante fato. As atas do martírio, como

as lemos em Surio, silenciam absolutamente a êste respeito. João Batista de Mântua refere no seu Carmen êste episódio. Talvez de aí tenha derivado a iconografia que conhecemos. O poeta é do séc. XIV.

A Enciclopédia Espasa atribui esta ligação entre Santa Luzia e os olhos a uma confusão de Luzia, mártir de Siracusa, com Luzia da Espanha, a qual arrancou os próprios olhos e os mandou a um mancebo, que por motivo dêstes mesmos olhos, a queria em matrimônio, o que não condizia absolutamente com o voto já feito de virgindade. A virgem, homônima de nossa Santa, sacrifica um bem temporal, máximo embora, como são os próprios olhos, para garantir o prêmio eterno prometido às virgens. É plausível esta explicação. Acresce ainda que a iconografia, partindo desta confusão, sempre representou Luzia com uma salva nas mãos, sobre a qual se vêem dois olhos.

Outra explicação, também plausível, está no próprio nome. Luzia, em português como em latim, é um derivado de luz. Nada mais natural que recorram a Luzia aquêles que se viram privados da luz dos olhos.

Creemos, porém, ter encontrado em Honório Augustodunense a melhor explicação. Uma das obras dêste autor, "Speculum Ecclesiae", contém sermões para as festas litúrgicas, conservados num manuscrito do séc. XII, encontrado por Migne na biblioteca do mosteiro de Santa Maria Rhenoviensis. No dia 13 de dezembro. êle fa'a sobre Santa Luzia, mártir de Siracusa, relatando aquilo tudo que já conhecemos. Depois continua: "Cum hac hodie resonat cantica Agni beata virgo Odilia. Haec, *caeca nata*, a patre exilio damnatur, sed ab episcopo Ratisponensi Erhoardo baptizata *illuminatur*... Plurimis signis divinitus decorata... in aeterna laetitia cum illis vivit quam oculus non vidit". (ML. CLXXII, 897). Traduzido: Juntamente com Luzia, canta também hoje ao Cordeiro Imaculado a virgem Odília. *Cega de nascimento*, o pai a expulsou de sua casa. Mas o bispo de Ratisbona, Froardo, a batizou, e logo *recuperou a luz dos olhos*. Favorecida por Deus com inúmeros milagres,... vive na alegria eterna que olho humano jamais viu". Para os que sofriam de moléstias dos olhos, era a coisa mais natural invocar a intercessão de uma santa que nascera cega, e que no batismo recebera a luz dos olhos e a coisa mais natural, invocar a intercessão de uma santa alma e do corpo. Mas acontece que o nome desta santa nada diz dêstes predicados de sua vida. E ainda mais: que no mesmo dia

se comemora uma outra santa, muito mais ilustre, mártir. O povo que vai à igreja ouve o sermão sobre Santa Luzia, e no fim talvez, uma referência a Odília, a missa é de Santa Luzia, com todos os cânticos e orações litúrgicas. Era muito natural que a substituição viesse, unindo os predicados de Odília ao nome de Luzia.

SANTA LUZIA E OS MÉDICOS OCULISTAS

Se os enfermos invocam com fé intensa o nome desta Santa, podem-na invocar também os Médicos. Para ambos, os motivos são idênticos: a fraqueza humana, os nossos minguados recursos diante dos sofrimentos inevitáveis que rodeiam nossa pobre existência.

Nunca a ciência foi onipotente. Nem a ciência do médico aleu, indiferente à religião; quando não hostil, soberbo, enfiado na estreiteza de seus poucos conhecimentos; nem a do médico católico, mais sensato, mais razoável, reconhecendo a necessidade da religião e sua prática, conhecendo pela sua carreira profissional que muitas vezes, onde terminam os recursos humanos, aí principiam os sobre-humanos.

Nenhum desdouro implica para o Oculista a devoção a Santa Luzia. Todos nós temos os nossos ideais, consubstanciados, concretizados numa pessoa, num objeto, numa decisão. Qual é o Oculista que não admira um mestre na sua especialidade, que vive ainda ou já o precedeu na eternidade. Qual o estudante — e todos nós somos sempre estudantes, porque a ciência nos reserva sempre novidades e surpresas — que não simpatiza de modo particular com um dos seus mestres, ao qual, às vezes consciente, às vezes inconscientemente, procura copiar e imitar? Não se fogem aos requisitos e gências da natureza. E é da nossa psicologia a necessidade de um ideal concreto, determinado, vivo, sobre o qual vamos pautando nossas ações e nossas iniciativas.

Transportemos tudo isto para o campo da atividade religiosa e moral, que existe no homem, de maneira tão ineluctável, tão necessária, como qualquer outra exigência da nossa natureza. E teremos o que se chama em linguagem cristã, um santo padroeiro, um protetor, uma devoção. Aí está a razão de ser dos santos, na religião católica. Constituem eles ideais vivos, concretos, mo-

dêlos palpáveis, que os católicos procuram reproduzir na medida de suas possibilidades.

Ora, o médico não é um super-homem, nem a sua natureza é diversa da natureza de seus semelhantes. A ciência, por mais profunda que seja, deixa existir ainda, por debaixo de tôdas as preocupações científicas, a natureza humana, com tôdas as suas exigências. Não pode pois o médico fugir a essa lei universal da psicologia humana. Ele também é um ser moral, como é um ser inteligente. Precisa portanto, de um protetor, de um modelo, de uma pedra de toque, à qual refira suas ações. E a prática religiosa do povo cristão indicou e consagrou em Santa Luzia a protetora dos Médicos Oculistas. Para ela voltarão êles os seus olhos, nos momentos difíceis, invocando o seu auxilio, habitualmente, para aprender aquela integridade de vida e de costumes — jóia e adôrno de todo o homem que se preza, — e àquela firmeza e constância que não recua nem mesmo diante dos maiores tormentos, — condição indispensável para o reto desempenho das profissões mais elevadas.

Quão nobre é a missão do Médico! Quão delicada, a do Oculista! Minorar os sofrimentos do próximo, amenizar-lhe as agruras da enfermidade, defender e proteger êstes órgãos tão delicados, tão indispensáveis à vida e à convivência social, como são os olhos. Mas como se eleva, se enobrece e se dignifica infinitamente mais a missão do Médico, se ao elemento humano e material acrescenta êle, com sua palavra e sua vida, o elemento sôbre-humano, sobrenatural! Será completo, será perfeito. Por que, do mesmo modo que o efeito nos conduz à causa, assim, no presente estado de coisas, o natural nos leva ao sobrenatural, êste mundo nos conduz ao outro mundo, o de além-tumba. Àquele, onde vamos colher o fruto — bom ou mau — do que tivermos semeado nesta vida. De Deus saímos, como criaturas que saem das mãos do Criador. E a Deus temos que voltar, como filhos que voltam à casa paterna para abraçar o estremecido pai.

BIBLIOGRAFIA

- HONÓRIO AUGUSTODUNENSE — *Speculum Ecclesiae* — Em ML, CLXXII, 1037-1038 e ML, CLXXII, 807.
MIGNE — *Patdologia Latina* — CXXXVII, 363-368. — *Inventio Sanctorum a Domino Theodorico.*

- SIGEBERTO GEMBIACENSIS — Sermão sôbre Santa Luzia — ML, CLX, 811.
- EUSEBIO DE CESAREIA — História Ecclesiastica — XIII, 2; X, 5.
- MARTYROLOGIUM ROMANUM — Aprovado por Bento XIV.
- PREVIARIUM ROMANUM — Lições da festa de Santa Luzia.
- P. ALIARD — Storia Critica delle Persecuzioni — Florença, 1928. Vol. 4.º, pág. 391.
- I. SURIUS — Historiae seu vitae sanctorum — Marietti, Turim, 1880. Vol. XII, 13 de dezembro.
- I. SCHUSTER — Liber Sacraentorum — Marietti, 1928. — IV, 13 de dezembro.
- G. MORONI ROMANO — Dizionario di Erudizione Ecclesiastica — Veneza, 1846 — Vol. XL, pág. 92.
- JULES BAUDOT — Le Missel Romain — Paris, 1912 — Pág. 63-70.
- A. BUTLER — Vite dei Padri, dei Martiri. — Veneza, 1860. XI, 13-XII.
- ROHRBACHER — Histoire Universelle de l'Eglise Catholique — Paris, 1857. — Vol. VI, pág. 64.
- ENCICLOPEDIA ITALIANA — Treccani.
- ENCICLOPEDIA ESPASA
- JOÃO BATISTA, de Mantua — (sec. XIV) Carmen.
- J. MARX — Manuale di Storia Ecclesiastica — Florença, 1923.